

Título do ST:

Cultura, Subjetividade e Experiência: dinâmicas contemporâneas na Arquitetura

Título do artigo:

Olhares possíveis para o Pesquisador em Arquitetura¹

Cristiane Rose S. Duarte

Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Diversos estudos das áreas das ciências sociais aplicadas se utilizam do conceito de Lugar, suscitado pelo/para o espaço, a partir de seu usuário, no campo da simbolização, da experiência e da formação de vínculos identitários. Para Tuan (1983), “espaços” transformam-se em “lugares” quando permitem que a pessoa desenvolva afetividade em relação a esse local e isso só é possível através da **experiência** do espaço. Não existe, contudo, um momento exato em que o espaço “se torna” Lugar. Existe, sim, um processo contínuo, ininterrupto, no qual o ambiente é modificado, recebe afetos, toma novas significações, modifica o indivíduo que o usa e retorna a ser alterado em seus valores e significados a cada momento. A esse processo ininterrupto chamamos de “moldagem do Lugar” (DUARTE, 1993)². A metáfora da moldagem que aqui empregamos procura ressaltar o caráter artesanal do processo de interação entre as pessoas e a seu ambiente construído. Da mesma forma, quando nos referimos ao espaço construído, não estaremos nos referindo somente a obras de exceção produzidas por escritórios profissionais, mas falando também dos lugares cunhados no dia-a-dia pelas pessoas que os usam. Assim como Rossi (1995, 23-25), consideramos a arquitetura como qualquer atividade humana que transforma o ambiente físico de forma intencional dentro de um esquema diretor de organização, possuindo significado e comunicação explícita. A arquitetura é, assim, uma realidade viva, perceptível e dinâmica. Nesse sentido, um edifício é arquitetura, assim como uma cidade é

¹ Este texto é uma versão reduzida e reformulada de uma conferência proferida por ocasião do colóquio “Olhares cruzados sobre o Morar”, cujos trabalhos serão publicados em livro de forma mais desenvolvida. Este trabalho deve muito aos pesquisadores do Laboratório ASC, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ, especialmente a: Alice Brasileiro, Ethel Pinheiro e Paula Uglione a quem agradecemos imensamente.

² Em Duarte (1993) usa-se a expressão que aqui adotamos: “Moldagem do Lugar” para nos referirmos ao processo como objeto de interesse. Para tanto, Duarte considerou Moldagem como sendo a metáfora do processo que leva o espaço a ser um Lugar, considerando moldagem como sendo a “operação de moldar” e “moldar”, conforme o dicionário, como: “formar moldes de, adaptar ao molde, (...) dar formas e contornos a, adaptar, afeiçoar, conformar, regular-se, dirigir-se, acomodar-se, (...) sujeitar-se a, conformar-se, harmonizar-se, adquirir feito, tomar molde, tomar uma feição determinada”. (Dicionário da Língua Portuguesa. O Globo. Rio de Janeiro, s/d)

arquitetura, assim como um jardim, ou qualquer espaço culturalmente modificado. Considerar o espaço construído como artefato cultural significa dizer que ele pode ser compreendido como linguagem, como portador de significados e, principalmente, como materialização da visão de mundo dos grupos que a produzem.

Intro

A visão de mundo, ou seja, a perspectiva pela qual cada pessoa enxerga os valores, as idéias, os problemas, as representações e os seus ideais de vida é um fator que vai sendo cunhado por cada grupo social ao mesmo tempo em que ele constrói seus espaços – e diríamos até: a partir da construção de seus lugares.

Esses processos de transformação física e espacialização dos valores éticos e estéticos de alguns grupos sociais tem sido o foco de interesse de nosso laboratório de pesquisa. A fim de desenvolver, mais adiante, as metodologias utilizadas em nossos trabalhos, acreditamos se necessário apresentar aqui alguns casos estudados, ressaltando sempre a influência mútua entre o ambiente construído e seus habitantes/usuários.

Um dos exemplos que podemos citar é o caso da favela Mata Machado, no Rio de Janeiro, que estudamos em diversas oportunidades. Em suas narrativas, os habitantes dessa favela demonstram atribuir grande respeito “aos mais velhos”. Para seus filhos, os moradores de Mata Machado falam de continuidade. Esperam que estes sigam suas idéias e que dêem prosseguimento a seu projeto de vida, completando a construção da existência comunitária que os moradores mais antigos iniciaram ao se instalarem naquela favela. Assim, vimos que, diferentemente do que manifestam habitantes de comunidades que pesquisamos em outros trabalhos, a permanência em Mata Machado apareceu como um quesito importante em quase todas as manifestações dos moradores da favela. Para eles, o local da comunidade, sua arquitetura e suas ruas conformam um espaço único, capaz de transmitir segurança e afeto necessários para garantir um suporte tranquilo de convívio e preparação para a vida futura das gerações que estão se formando. Ao usarem os lugares da favela, os moradores reinventam seu passado de luta pela conquista do bairro que, no início do século XX, era uma propriedade de cultivo de café. Cada viela e cada beco se apresentam como partes de um passado reconstruído constantemente: ora se trata do local de uma árvore que serviu para esconder a construção de um barraco e que, ao ser removida, conferiu a seu “dono” o status de morador definitivo, ora das margens do riacho onde os moradores mais antigos realizaram as reuniões da associação de moradores. Os significados atribuídos aos lugares vão se materializando em eventos urbanos que explicam, por exemplo, a razão da existência de locais “vazios”, como verdadeiras clareiras dentro de uma densa ocupação, funcionando quase como santuários dedicados à memória das conquistas de posse da terra.

O caso de Mata Machado nos mostra que os ambientes construídos se constituem em uma forma de comunicação entre gerações para a transmissão de práticas e lógicas culturais. A arquitetura é produzida não apenas como construção identitária mas, também, em um processo dinâmico, os indivíduos se utilizam dela para reconstruir suas próprias lógicas e reinterpretar os fatos do mundo.

Assim como no exemplo acima, em uma outra pesquisa desenvolvida junto a moradores de um conjunto habitacional também na cidade do Rio de Janeiro³ verificamos que, quando ocorre a dotação de afeto ao lugar, quando vão sendo construídos sentimentos de pertencimento e aparecem ações de apropriação simbólica do espaço, o indivíduo está moldando um lugar para si enquanto reconstrói sua própria identidade. Neste caso a pesquisa se dedicava aos espaços modificados por uma população constituída essencialmente de migrantes rurais que buscavam melhores condições de vida na cidade grande. Acompanhando as modificações impressas nas habitações do conjunto ao longo de seis anos, vimos os moradores carregarem suas fachadas de símbolos do que eles consideravam ser o “aspecto urbano”: materiais não manufaturados como esquadrias de alumínio e revestimento de azulejos; portas e janelas abertas para exibir “troféus de urbanidade” (como aparelhos de som, televisões, cristaleiras). Por outro lado, nos fundos do quintal, os habitantes mantiveram as referências ao seu local de origem, o meio rural (gaiolas de passarinho, plantas, varal de roupas, redes para dormir). Assim, verificamos que tais habitantes foram capazes de encontrar, a partir desta dualidade, o equilíbrio necessário à construção de sua nova identidade: homens de origem no campo buscando ser indivíduos urbanos.

Da mesma forma, foi possível acompanhar o desenvolvimento dos locais de encontro do bairro, as modificações das praças e da percepção dos espaços de uso comunitário (Brasileiro, 2000) do conjunto habitacional. Vimos, enfim, que quando um grupo social compartilha da mesma visão de mundo, suas aspirações, expectativas e respostas às dificuldades apresentadas pelo cotidiano funcionam como um cimento de união social que encontra nos espaços construídos o locus de experimentação, vivência e sociabilidade para se consolidar. Nessa pesquisa vimos que os valores estéticos e morais comuns convertidos em arquitetura passaram a acalentar sentimentos de afeto ao lugar, sendo este percebido como o suporte espacial de uma comunidade efetiva em seu sentido social.

Se na pesquisa acima referida ficou clara a importância dos espaços da casa para a estabilidade psíquica do morador, em um outro trabalho, feito a partir da análise da população de rua (Santos e Duarte, 2002), vimos que, mais do que construção de lugares, a arquitetura – em seu *sensu lato* - é uma maneira de produzir o mundo e, desta forma, produzir-se a si-mesmo. No referido estudo, analisamos o comportamento e os espaços criados por aqueles que moram sob viadutor ou sob marquises da cidade, onde “salas”,

³ cf. Duarte, 1994

“quartos” e “cozinhas” eram sugeridos por meio de caixotes, pedaços de jornal velho ou elementos urbanos. Esses espaços criados induziam comportamentos diferenciados como se verdadeiras paredes separassem aquilo que chamamos de “casa invisível”. Esta pesquisa nos permitiu compreender que, destituídos do suporte espacial da “casa”, os moradores de rua desenvolvem mecanismos de compensação para suprir suas necessidades de territorialização, espacialização das estruturas familiares e proteção. Verificou-se, sobretudo, que a espacialização da morada é essencial para a integridade psíquica do indivíduo.

Metodologias em uso; ferramentas em desenvolvimento

Quando se olha para a fachada de uma casa, é possível ler uma série de informações inscritas por seu morador: quem ele é, quem ele quer ser, o que ele espera da vida, seus valores, seus anseios e medos. Se entramos nessa casa e “percorremos” por seus objetos e seus arranjos espaciais, podemos coletar informações que complementam aquelas impressas na fachada e funcionam, muitas vezes - e talvez até de forma mais eficiente - como verdadeiros questionários e entrevistas que costuma-se aplicar em campo para conhecer os sujeitos das pesquisas.

“O que você espera, o que você gosta, como gostaria que fosse?” - perguntávamos a nossos informantes que, carregados de boa-vontade, pareciam responder, por vezes, aquilo que supunham que o pesquisador estaria querendo ouvir. Ao mesmo tempo, os móveis de suas casas, seus objetos, suas paredes, seus telhados “falavam” junto, exigindo também sua leitura e, conseqüentemente, abordagens e métodos para esta “escuta”.

Aprender a olhar, a ler e a escutar os ambientes juntamente com seus usuários significa, para o arquiteto-pesquisador, a possibilidade de um diálogo cultural dos mais enriquecedores, no qual se verificam não apenas as relações entre os pesquisados e seus ambientes mas também o relacionamento do pesquisador com seu próprio sentimento espacial.

Essa experiência traz, geralmente, resultados muito bons para a pesquisa em arquitetura e tem se mostrado fundamental tanto para a geração de estratégias de promoção da qualidade dos ambientes construídos, como para o sucesso dos projetos de arquitetura e urbanismo.

Priorizando o viés cultural da arquitetura, o laboratório de pesquisa “Arquitetura, Subjetividade e Cultura” (ASC) tem buscado conhecer os significados e das imagens urbanas coletivas assim como analisar o espaço urbano enquanto espacialização das culturas, subjetividades, experiência e projetos de vida. Nesse sentido, a equipe do ASC tem se debruçado no delineamento e sistematização de um conjunto de ferramentas e métodos

que têm base no leque interdisciplinar das ciências humanas, porém adaptadas à linguagem e à sensibilidade próprias a pesquisadores da área de arquitetura e urbanismo⁴.

A validade da descrição de cunho etnográfico para o estudo da arquitetura

A Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo.

Para Geertz (1989) praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos ou manter um diário. O que define etnografia é o tipo de esforço intelectual que ela representa: um risco elaborado para uma *'descrição densa'* (Geertz, 1989:15). O objeto da etnografia é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categoria cultural. Esses conjuntos de significantes se apresentam como estruturas interrelacionadas, em múltiplos níveis de interpretação... mas será que o pesquisador em arquitetura poderia remodelar seu olhar para captar a riqueza de informações emitidas ininterruptamente pelas ambiências das cidades? E será que o arquiteto-pesquisador poderia contribuir, de alguma forma, com seu olhar sensível às formas, ritmos e proporções da matéria para a completude de uma descrição densa?

Não pretenderíamos nunca dizer que arquitetos são capazes de produzir etnografias, que é o ofício de antropólogos, mas acreditamos na possibilidade de acrescentar dados importantes, relacionados ao espaço construído, que poderiam se somar à descrição densa produzida por eles. Não deve ser à toa que algumas categorias culturais são expressas por meio de alusões à arquitetura (casa-grande e senzala, sobrados e mucambos, casa e rua...).

O marco conceitual com o qual significamos etnografia em nossos estudos é o interacionismo simbólico (Schütz, 1962; Park & Burgess, 1921; Blumer 1937; Thomas e Znaniecki, 1918-1920), especialmente, nas análises do processo de socialização, entendido como uma negociação constante que não se limita ao vínculo social, mas se trabalha no espaço e no tipo de espaço vivenciado. O interacionismo simbólico representa uma das principais escolas de pensamento da sociologia e tem como característica incorporar a reflexividade na análise da ação (Mead, 1934). A partir dessas premissas, concordamos com Coulon (1995) quando relembra a importância da observação do cotidiano das relações estabelecidas pelos atores pesquisados em seus contextos espaciais e temporais. Ao rejeitar o modelo de pesquisa objetiva, os interacionistas sublimam as ordens frágeis e

⁴ Ao conjunto de métodos que tomam as bases das ciências sociais para interpretar os espaços construídos temos denominado "etnotopografia". A Análise Etnotopográfica estaria, assim, relacionada a uma aplicação de estudos de um grupo sócio-cultural em um determinado lugar; com base e suporte no espaço em si.

efêmeras das interações sociais para, através delas, capturar o significado social atribuído pelos grupos pesquisados ao mundo em que interagem.

Ao descrever a experiência do habitar na cidade, o arquiteto-pesquisador não consegue deixar de lado sua sensibilidade para a observação do lugar construído. No entanto, ao seguir os preceitos do interacionismo simbólico, seu olhar deixa de ser tão objetivo e abraça a subjetividade e a sensibilidade perceptiva. A descrição resultante da observação participante, neste caso, conterà inúmeras menções à arquitetura e ao entorno, mas haverá também menção à observação do comportamento, às ações e dinâmicas que acontecem no local estudado. A descrição será mais completa, varrendo todos os prismas da ambiência e trazendo à luz os fatos relevantes para a compreensão do universo cultural que se refaz no lugar estudado.

Defendemos, assim, a moldagem do olhar do pesquisador em arquitetura. Sustentamos um olhar mais de perto, como propõe Genzuk (1993 [2003]) de maneira a permitir que a sua própria experiência subjetiva seja incluída na descrição.

Tal como Genzuk, Magnani (2002) também defende o “olhar de dentro e de perto” em contraste com o olhar “de fora e de longe” geralmente empregado por pesquisadores das disciplinas mais “duras”, como geografia e urbanismo. Assim, ao redirecionar o seu olhar para mais perto, o tornando mais atento ao detalhe, o arquiteto-pesquisador imprimirá, em seu caderno de campo, comentários sobre as sombras e os jogos de luz, o impacto das formas, os odores e os movimentos de pessoas no local, unidos à descrição das formas, das janelas, das platibandas, do mobiliário, do revestimento das calçadas, das narrativas atreladas aos lugares lembrados. Dessa forma, por exemplo, ao notarmos a posição de um altar improvisado em uma casa de favela, com suas estatuetas e seus santos, assim como as imagens religiosas penduradas em determinadas paredes mais escondidas (Duarte, 1993), provocamos diversas conversas com o morador, o que nos levou à compreensão do drama vivido por um grupo de migrantes que desejava se integrar a um outro que tinha diferentes convicções religiosas.

Citando outro exemplo de pesquisa que se utilizou da observação atenta, apontamos o trabalho de Brasileiro (2007), que revelou as lógicas de funcionamento de algumas empresas, ao verificar não apenas o comportamento e os deslocamentos dos funcionários, mas também a posição dos arranjos espaciais. Estes materializavam a hierarquia (o local do chefe era assinalado de forma sutil mas perceptível); o controle de incertezas (cadeiras encostadas contra a parede deixando “desprotegidos” os assentos dos “estranhos”); a delimitação de territórios pessoais (por meio de sutilezas físicas e comportamentais, em uma empresa onde ao funcionário era proibido ter espaço diferente dos demais)⁵.

⁵ Cf. Brasileiro; Duarte e Rheingantz (2008)

Em nossos trabalhos, temos buscado atribuir grande atenção à imersão na ambiência a ser estudada; ao estranhamento necessário para duvidar do que nos é familiar; à percepção das mais tênues sensações. Impressos em cadernos de campo e revividos nas análises posteriores, essas posturas têm se mostrado fundamentais na construção de um diálogo cultural que se estabelece entre o grupo pesquisado, o ambiente e o pesquisador em arquitetura. E esse diálogo iniciado pelo pesquisador a ver e registrar sua própria vivência em campo o auxilia a captar as estratégias espaciais criadas pelas pessoas que experienciam os lugares, desenvolvem sociabilidades, constóem coerências e dão significado aos espaços.

Esse procedimento pode ser ilustrado com o trabalho de Coelho (2004) que se integrou a um grupo de apoio infantil para descobrir as estratégias lúdicas das crianças da favela da Rocinha, um lugar onde há poucas oportunidades de se brincar da forma tradicional. Foi necessária uma integração com o grupo de crianças, não tentando agir como uma delas, mas demonstrando o interesse em “brincar junto” e deixando que elas apresentassem seu mundo. Atividades como desenhar, jogar bola e soltar pipa foram compartilhadas entre as crianças da favela e a pesquisadora, que deu prioridade a ouvir os casos cotidianos e as histórias individuais do que propriamente as conversas direcionadas para os objetivos diretos da pesquisa. Descobriu-se de que formas as lajes e os becos da favela são resignificados pelo uso de brincadeiras infantis e foi possível compreender as formas de percepção do “lugar favela” a partir do olhar das crianças que lá nasceram⁶.

Ainda, muito mais do que aplicar questionários, Tozetto (2006) e Duarte (1993) foram capazes de observar as nuances entre o espaço considerado público e aquele que era apropriado por seus ocupantes recebendo a legitimidade pelos demais moradores. Estas descobertas se fizeram por meio da observação participante, pela anotação do local da calçada que era lavado, pelas cadeiras dispostas na frente das casas, pelo caminhar das pessoas ao longo da rua⁷.

Croquis de Campo

A ferramenta “croquis de campo” consiste em um produto gráfico da observação, constituído de desenhos arquitetônicos, rabiscos, croquis e esquemas. Da mesma forma que o etnógrafo anota em seu caderno de campo, temos recomendado a anotação por meio de desenhos e croquis, que é a expressão própria de arquitetos. O emprego dessa ferramenta foi baseada inicialmente nos trabalhos de Cosnier (2001:16) e Oliveira Filho; Duarte & Santos (2002) e incentivada pela leitura de Laplantine que sugere que:

⁶ Cf. Coelho, Duarte e Vasconcellos, 2009

⁷ Os trabalhos de Oliveira Filho, Duarte e Santos (2002) nos bares da happy hour, o de Cohen (2006) com as relações das ruas e dos percursos de pessoas com deficiência, ou o de Santana (2004) que estudou as formas de sociabilidade no centro da cidade do Rio de Janeiro são outros exemplos de trabalhos onde foram usadas estratégias de pesquisa de cunho etnográfico.

“(...) a descrição etnográfica é ao mesmo tempo direta na sua expressão e midiaticizada por tudo o que permite ter acesso a ela (cartografia, fotografia, gravações, sem contar os croquis, as plantas, os esquemas gráficos, os quadrados, os retângulos, os triângulos, os círculos, os raios) e por todas as representações habituais das relações de parentesco que todo etnógrafo traça em seus cadernos.” (2005: 50 – 51)⁸

Mas o croquis de campo é muito mais do que ilustração: ele se transforma na própria descrição. Ao mesmo tempo em que o pesquisador desenha o que vê, ele se conscientiza do que lhe chama a atenção e descreve, por meio de desenhos, suas observações. Podem ser utilizadas cores, para facilitar a emersão de características que lhes sejam próprias, tais como concentrações de uso, aspectos funcionais, fluxos e zonas de conflitos espaciais. Anotações e rabiscos são acrescentados ao croquis de campo sem ordenamento prévio. Não há recomendações sobre a forma do croquis, podendo variar desde uma planta baixa comentada até um rabisco artístico.

Esse estudo gráfico contribui para a descrição espacial dos eventos e sua verificação física no ambiente. Sua elaboração em campo pode ser considerada tanto uma ferramenta de observação como uma ferramenta de interpretação imediata, que possibilita compreensão ou até mesmo a comparação de uma situação com outra.

Arquivo Mnemônico do Lugar

Espaço urbano marcado pela dinâmica da construção-desconstrução, as cidades demandam um olhar e uma escuta que não apenas as contemple, mas que participe das (novas) inscricuras que refazem necessariamente a teia urbana. Assim, essa metodologia⁹ privilegia as narrativas dos moradores da cidade que, ao falarem dela, remexem em suas lembranças e externam suas percepções e lógicas de inserção e de interpretação do meio urbano.

Assim como dizem Rocha e Eckert (2010), os habitantes narram a cidade ao mesmo tempo em que a cidade narra seus moradores e é por meio desse olhar que nós, pesquisadores em arquitetura, buscamos metodologias para ouvir essas histórias produzidas na e pela cidade. A memória urbana participa da reconfiguração do Lugar urbano, na medida em que, como ensinou Freud, a memória, é o processo de significação, de simbolização do mundo real. Para Deleuze & Guatarri (1996), é frente aos *acontecimentos*, aos *instantes* derradeiros nos quais a ampulheta gira, que o psiquismo, esta *máquina-desejante*, é acionada a produzir (outros e diferentes) significados para a vida. É frente às transformações da vida que se é convocado a “*construir as suas próprias histórias individuais e coletivas*” (Duarte et all, 2007); é frente às suspensões (espaços construídos que estão sofrendo transformações arquitetônicas e urbanísticas), é frente aos vazios próprios dos “deslocamentos” na cidade que a máquina de escritura da memória

⁸ Tradução livre da autora

⁹ Metodologia desenvolvida e usada experimentalmente por Uglione (2008)

urbana é ativada para as suas tarefas e permitem a coleta de narrativas numa mistura de vozes que compõem e recompõem a cidade.

Descrevendo a ferramenta de forma muito superficial, o Arquivo Mnemônico do Lugar se dedica, inicialmente, a coletar narrações sobre determinado ponto em suspensão da cidade. No ato de narrar, a cidade é reinventada e reinterpretada com seus significados. Todas as narrativas coletadas nesse exercício são encerradas dentro de um mesmo quadro e, em seguida, são identificados tanto as metáforas que delas emergem quanto os esquecimentos, as lacunas, os vazios. À cada metáfora é atribuída uma cor e as narrativas vão se transformando em gráficos coloridos, que poderão, eventualmente, ser comparados em termos de frequência de aparecimento das metáforas, de repetição do tema ou de resignificação do lugar.

O Arquivo Mnemônico do Lugar é, resumindo, uma ferramenta de escrituras – e, portanto, é uma abordagem de cunho narrativo, de histórias da cidade. É, em suma, uma abordagem que permite que histórias na/da cidade sejam inventadas pelos usuários dos lugares, como forma de dar significado aquilo que ainda se configura no tecido urbano. Se arquitetura não é a pedra em si na cidade, mas o arcabouço simbólico que sobre esta pedra recai, a escritura de histórias na cidade é fonte e alvo – ainda que não reconhecido ou não utilizado explicita e conscientemente pelos arquitetos e planejadores urbanos - de todo projeto e do produto arquitetônico numa cidade.

Mapeamento de manifestações

A ferramenta “Mapeamento das Manifestações” consiste em espacializar em planta baixa as manifestações de afeto, as relações interpessoais ou qualquer outro evento social que ocorra em campo. Possivelmente os resultados de uma pesquisa tradicional seria fornecido em estatísticas numéricas mas, para o arquiteto pesquisador, é sempre muito mais fácil compreender a realidade por meio de registros gráficos. Esses registros, por sua vez, fazem emergir situações que podem ser exploradas mais a fundo numa fase posterior da pesquisa. Esta ferramenta foi usada, por exemplo, na pesquisa de Duarte (1993), onde as manifestações de afeto ou desafeto pelos vizinhos das quadras do conjunto habitacional foram mapeadas. A espacialização desses sentimentos (figura 4) comprovou, de maneira muito clara, os comentários de Chombart de Lauwe (1966) sobre apinhamento e stress urbano. Da mesma forma, usando como fundo a planta de arranjos espaciais, Brasileiro (2007) mapeou as relações interpessoais em superposição às relações hierárquicas no funcionamento de uma empresa.

O Vídeo Etnográfico e sua aplicação na pesquisa em arquitetura e urbanismo

Como os deslocamentos, embalados pelo sabor das ambiências, constituem relações dinâmicas de penetração no espaço, essas relações são dificilmente captadas por

métodos tradicionais de pesquisa urbana. Tais procedimentos acabam por perder ou desconsiderar detalhes que são, no entanto, fundamentais para a análise das ambiências.

A pesquisa de Paula (2008) efetuada no âmbito do laboratório ASC, apóia-se no uso de técnicas de pesquisa etnográfica, sendo todas acompanhadas pela câmera de vídeo e fotográfica, entre as quais destacamos: a observação participante – como exploração da ambiência a ser etnografada; as entrevistas semi-estruturadas; etnografia de rua (Eckert & Rocha, 2002)¹⁰; retorno a campo – roteiro, decoupage e montagem. A metodologia teve, no entanto, que ser adaptada às particularidades da pesquisa em arquitetura.

O vídeo etnográfico, seja como instrumento de observação, transcrição e interpretação de realidades sociais ou instrumento de ilustração e difusão das pesquisas, o conjunto imagem-som-movimento, recolhido em tempo sincronizado, é um excelente meio para a captação e exame da experiência humana na ambiência.

Uma das maiores contribuições do vídeo etnográfico apresenta-se em articular as narrativas situadas à ambiência sensível. Neste papel, o pesquisador produz imagens-movimento que re-significam o ambiente através da perspectiva de seus usos e usuários, que já há muito tempo foi perdida em fotos de “obras” arquitetônicas longe da participação de seus transeuntes. Em sua tese, Paula (2008) demonstra que são esses ‘instantâneos-temporais’ que possibilitam a compreensão mais refinada e lúcida das ambiências abraçadas por diversos usuários, em cenários múltiplos.

Arquitetura, Subjetividade e Cultura

De um lado, este trabalho pretendeu lembrar que nem sempre as significações atribuídas aos espaços construídos são estáticas e é preciso ter muita sensibilidade para compreender que a mudança constante é necessária – e até saudável – fazendo parte da natureza humana. Por outro lado, pretendeu-se oferecer aos pesquisadores das áreas das ciências humanas e sociais o olhar dos arquitetos, como leitores dessa linguagem espacial cunhada pelas sociabilidades, práticas espaciais e interações.

Procuramos ressaltar aqui que o olhar que busca o significado local e a organização do espaço e/ou pessoa estudados constituem, assim como a comparação e a descrição densa, aspectos importantes a serem observados no trabalho cunho etnográfico. Deste modo, a arquitetura muito se beneficia de determinadas ferramentas engendradas pelo campo das ciências humanas ao receber e possibilitar a instrumentação de metodologias mais direcionadas ao apelo social e humanista através do valor da interação-contexto - o que diferencia os resultados puramente morfológicos obtidos com determinadas ferramentas usualmente utilizadas em arquitetura.

10 O termo etnografia de rua proposto pelas autoras acima citadas sustenta uma reflexão densa sobre o forte componente narrativo que encerra os deslocamentos humanos na cidade. (Eckert & Rocha, 2002: 02-03)

Observar e descrever sem esquecer as impressões que lhes transmitem as ambiências, é o que propomos para a completude do trabalho de campo do pesquisador arquiteto. Vimos aqui a importância de se deixar de lado o discurso objetivo das ciências exatas e de se compreender que a descrição pode ser, também, uma construção conjunta (pesquisador-ambiente- pesquisado), uma tradução na qual, como sugere Laplantine “o pesquisador produz mais do que reproduz” (2005: 39).

O desenvolvimento das ferramentas metodológicas aqui apresentadas não vislumbrou no horizonte de nossos esforços a busca por alguma nitidez da cidade, nem tão pouco a busca por qualquer imagem simples e legível do espaço urbano que pudesse orientar projetos arquitetônicos exatos e certos.

Trata-se de um compromisso com os aspectos culturais e subjetivos da arquitetura e do urbanismo que acenam insistentemente para a busca de olhares e sensibilidades que considerem, incentivem e instrumentalizem um fazer arquitetônico tão dinâmico, tão complexo e (por que não) tão intuitivo quanto seus usuários, ou seja, as pessoas que nas cidades e nas casas habitam e fazem das pedras lugares de vida.

Não se trata, nas metodologias ensaiadas, experimentadas aqui, de transformar o arquiteto em etnógrafo ou psicólogo. Trata-se, principalmente, de uma atitude experiencial na qual a observação atenta e detalhada toma por princípio a necessidade de uma imersão total e de um olhar minucioso dos usos, práticas, manipulações espaciais e relacionamento das pessoas com seus lugares.

Bibliografia

- Blumer, Herbert. *Symbolic Interactionism. Perspective and Method*. University of Chicago Press. Chicago, 1937
- Brasileiro, Alice de Barros H. *Rebatimentos espaciais de dimensões sócio-culturais: ambientes de trabalho*. [tese de doutorado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- Brasileiro, Alice. *Espaços de Uso Comunitário em Programas Habitacionais: Entre o Discurso e a Prática*. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- Brasileiro, Alice; Duarte, Cristiane Rose; Rheingantz, Paulo Afonso. “Quando O Escritório Fala : Identificação De Aspectos Culturais Dos Usuários No Ambiente De Trabalho”. In: Anais do XII ENTAC, 2008 .
- Chombart de Lawe, Paul-Henri (dir). *Images de la Culture* . Paris, éd. Ouvrières, 1966
- Coelho, Glauci ; Duarte, Cristiane Rose ; Vasconcellos, Vera . “A Paisagem Favela Entre As Fronteiras Materiais E Simbólicas Na Imagem Da Criança”. In: Reunión de Antropología del Mercosur, UNSAM. Buenos Aires, 2009.
- Coelho , Glaucineide do Nascimento. *Favela e Espaços Livres de Brincadeiras: Rocinha, um Exemplo*. [dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- Cohen, Regina. *Cidade, Corpo e Deficiência: Percursos e Discursos Possíveis na Experiência Urbana*. [Tese de doutorado] Université Fédérale de Rio de Janeiro, 2006
- Cosnier, Jacques. « L'éthologie des espaces publics ». In : Grosjean, Michèle et Thibaud, Jean-Paul (eds) *L'Espace Urbain en Méthodes*. Editions Parenthèses. Marseille, 2001. p.13-28.

- Coulon, Alan. *Etnometodologia*. Vozes. Petrópolis, 1995
- Deleuze, Gilles; Guatarri, Felix. *O Anti-Édipo: Capitalismo E Esquizofrenia*. Assírio & Alvim. Lisboa, 1996.
- Derrida, Jacques. *Mal Do Arquivo: Uma Impresão Freudiana*. Relume-Dumará. Rio de Janeiro, 2005.
- Duarte, Cristiane Rose. « The Raising of a Community: Urban Experience in a Low Income Settlement in Rio de Janeiro ». In: Neary, S. et alli: *The Urban Experience*. E&FN Spon. Londres, 1994.
- Duarte, Cristiane Rose. *Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine: Vila Pinheiros, à Rio de Janeiro*. [tese de doutorado] Université Paris 1, 1993.
- Duarte, Cristiane Rose.; Brasileiro, Alice; Santana, Ethel P.; Paula, Katia Cristina L. De; Vieira, Mariana; Uglione, Paula. "O Projeto Como Metáfora: Explorando Ferramentas De Análise Do Espaço Construído" In: Duarte, C.R.; Rheingantz, P.A.; Bronstein, L.; Azevedo. *O Lugar Do Projeto No Ensino E Na Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo*. Contra Capa / PROARQ. Rio de Janeiro, 2007- pp.211-220
- Eckert, Cornélia; Rocha, Ana Luiza C.. *Etnografia na Rua e Câmera na Mão*. Revista Studium [online] nº8 2002. www.studium.iar.unicamp.br/oito/2.htm?index.html . (Access en 10 Fev. 2006).
- Freud, Sigmund. *Projeto de uma Psicologia* (1895). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Imago. Rio de Janeiro, 1996.
- Geertz, Clifford. *A Interpretação das Culturas*: LTC. Rio de Janeiro 1989.
- Genzuk, Michael. (1993 [2003]). *A Synthesis of Ethnographic Research*. Occasional Papers Series. Center for Multilingual, Multicultural Research, Rossier School of Education. Los Angeles: University of Southern California.
- Giddens, Anthony. *Política, Sociologia e Teoria Social*. UNESP. São Paulo, 1997.
- Laplantine, François. *La Description Ethnographique* . (réed) Armand Colin. Paris, 2005.
- Magnani, José Guilherme C. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49 - São Paulo, junho de 2002. Disponível em www.n-a-u.org/DEPERTOEDENTRO.html
- Mead, George Herbert. *The Philosophy of the Act*. University of Chicago Press. Chicago 1934
- Oliveira Filho, Eduardo Rocha ; Duarte, Cristiane Rose ; Santos, Ana Lucia Vieira. « Cenários Sociais na Happy-Hour: Uma Análise de Práticas Sociais Urbanas no Centro do Rio de Janeiro". In: Del Rio, V.; Duarte, C.R.; Rheingantz, P.A.. (Org.). *Projeto do Lugar - Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo*. Contracapa. Rio de Janeiro, 2002, p. 373-378.
- Park, Robert E.; Burgess, Ernest W. *Introduction to the Sciences of Sociology*. University of Chicago Press. Chicago, 1921.
- Paula, Katia Cristina L. *Pela Câmera: Delineamento Metodológico De Uma Etnotopografia Dinâmica*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008
- Rocha, Ana Luiza C.; Eckert, Cornélia. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. RUA [online]. 2010, no. 16. Vol.1
- Rossi, Aldo. *A Arquiteturada Cidade*. Martins Fontes. São Paulo, 1995.
- Santana, Ethel P. *A Cidade no Fragmento - Lugar e Poesia no Largo da Carioca*. [Dissertação de Mestrado] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- Santos, Ana Lucia V. ; Duarte, Cristiane Rose. « Casas Invisíveis: Um Estudo da População de Rua do Rio de Janeiro". In: Del Rio,V.; Duarte, C.R.; Rheingantz, P.A.. (Orgs). *Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo*. Contracapa. Rio de Janeiro 2002, p. 273-282.
- Schütz, Alfred. *Collected Papers I: The Problem of Social Reality*. ed. Maurice Natanson, Martinus Nijhoff. The Hague, 1962.
- Schütz, Alfred., *The Phenomenology of the Social World*. Heinemann. Londres, 1979

Thomas, William Isaac ; Znaniecki, Florian. *The Polish peasant in Europe and America*. University of Chicago Press. Chicago, 1918-1920.

Tozetto, Eliene Jomara. *Relações De Espaço, Lugar E Cultura Em Comunidades De Baixa Renda: O Caso Da Favela Parque Da Cidade*. [Dissertação de Mestrado] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

Tuan, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. Difel. São Paulo, 1983.

Uglione, Paula. *A Memória na Cidade e a Invenção do Lugar*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.